



Los teatros de Saturno (The Theaters of Saturn), 2014
Kurimanzutto, Ciudad de México
Cortesía do artista
Fotografía: Michel Zabé

Fernando Orduz*

Considerações e desiderações sobre o enquadre

Templo é o nome que em Roma se dava ao espaço retangular que o sacerdote recortava no céu para observar as estrelas (*sidera*), e fazer interpretações sobre o movimento que os astros realizavam dentro desse espaço. Os etruscos realizavam ações similares, mas seus sacerdotes (os áugures) construíam interpretações a partir do movimento das aves.

O certo é que, através deste recorte no céu, os sacerdotes romanos *con-templavam* e os áugures etruscos, auguravam. Não eram tomadas decisões sem que previamente os sacerdotes pudessem fazer interpretações ou augúrios sobre o que o movimento dos astros predissesse, ação que em latim se denominaria *con-siderar*.

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

grado”), e tudo o que aconteça fora dele terá a significação de *pro-fanus*.

Fui tecendo a pergunta óbvia que surge depois dessa apresentação com o trânsito histórico da palavra *templo*. Em que momento nosso trabalho de enquadre deixa de ser um recorte virtual do tempo e do espaço no qual realizamos *con-siderações* e interpretações, para se converter em um templo de pedra sólida no qual *con-sagramos*, não o processo que se celebra em seu interior, mas sim as paredes maciças que o representam? Em que momento o enquadre como uma função se transformou em objetualização?

Há algo nessa última pergunta que, em minha percepção, marcou o desenvolvimento de algumas teorias no interior de nossa disciplina. Refiro-me à transformação que vai da exposição das vicissitudes da pulsão, onde o objeto era múltiplo e variável, a uma visão na qual o objeto determina a forma de uma relação e adquire caracteres fixos.

Freud sempre teve o cuidado de expor suas conjecturas pessoais em relação à técnica, expostas como conselhos ou regulamentos; não poderiam se submeter a uma mecanização (Freud, 1913/1981b), a uma atitude unitária (Freud, 1912/1981a) ou a uma inalterabilidade das definições (Freud, 1915/1981c). Não é em sua obra que vamos encontrar uma definição da noção de enquadre ou da ideia do *setting*. O limite que enuncia Freud está em um horizonte, em um *telos* que tem como referente a regra fundamental baseada na desconexão da crítica ao inconsciente e seus rebentos (Freud, 1912/1981a).

O recorte sobre o horizonte referencial da experiência analítica se transformou, como na antiguidade, em uma edificação maciça e sólida sem pretensões de mudanças. Acredito que isso é assim porque as escolas de pensamento

Começo (*in-auguro?*) minha tematização sobre o enquadramento pela ideia do tempo, pois assumo que, de forma similar, quando realizamos o enquadre no início de nosso trabalho, estamos fazendo um recorte sobre o movimento da vida da pessoa que participa da consulta; recorte de tempo e de espaço a partir do que pretendemos fazer, *con-siderações* e interpretações sobre a dinâmica de uma vida que se reflete no movimento das palavras.

Em Roma, esse lugar de templo tinha uma conotação sacra e, pouco a pouco, o espaço configurado virtualmente foi se transformando em um edifício ou santuário que tomou para si o significado da palavra *templo*. O templo adquire a conotação de *fanum* (“lugar sa-

levam a busca de uma “identidade” (palavra de acepção mais social que psicanalítica) à determinação de algumas constantes que permaneçam no espaço e no tempo, ou a constituir o espaço-tempo da atividade analítica de uma forma constante e contínua.

Algo desse enunciado poderia se encontrar na concepção de Bleger (1960/2002) sobre o enquadre como a determinação das constantes invariáveis e como uma instituição que sustenta uma identidade que opera de forma silenciosa. Esse autor propõe examinar essas análises em que o enquadre não é um problema, para demonstrar que esse é o problema: “sintetizando se poderia dizer que o enquadre (assim definido como problema) constitui a mais perfeita compulsão à repetição” (p. 104).

O enquadre como constante de nossa prática nos deu uma identidade que, de alguma maneira, dá tranquilidade, ao sustentar uma *imago* na qual nos reconhecemos. Da mesma forma, contribui com uma sensação de calma ao ego, ao constituir uma representação de equilíbrio. Mas, se seguimos a linha de Bleger, nessa calma silenciosa do enquadre se encontra o depósito das partes indiferenciadas e não resolvidas de nossos vínculos simbióticos. Talvez por isso nos aterroriza questioná-lo, analisá-lo, *des-materializá-lo*. Visto a partir dessa ótica, a sustentação do enquadre como invariável, como constante não analisável, pode ter um efeito apotropaico.

Será letal não ver o que nosso enquadre encobre? Poderíamos homologar, como sugere Mannoni (McDougall, Mannoni, Vasse & Dethiville, 1987), que há algo em nosso enquadre que obriga a experiência humana a uma espécie de divã de Procusto? Deitar o paciente no divã e introduzir uma dimensão temporal é o que *pro-cura* o trabalho analítico, ou – para inventar algum enunciado – é o que *pro-custa*? Ou são os processos de regressão e associação livre os que solicitam um dispositivo especial que os sustentem no espaço e no tempo?

Essa aresta do tempo, para colocar um exemplo, se converteu em um dos fundamentos de nossos debates disciplinares em relação ao enquadre: frequência, duração das sessões, interrupções. Penso que o ordenamento que damos ao tempo de nosso enquadre segue o dos autores que, de alguma forma, influencia-

ram Freud. Penso nas ideias de Newton, que incorporou a noção de tempo no esquema conceitual da física galileana e lhe deu um estatuto de invariabilidade. Algo análogo estabeleceria Kant com a estética transcendental, ao considerar o tempo e o espaço como um *a priori* inquestionável sobre o qual se organizava qualquer experiência. Ambos os autores, que viveram no século XVIII, dominam nossas representações de espaço-tempo nas quais enquadramos o enquadre.

Pergunto-me o porquê de nossa disciplina definir-se nessas noções e não incorporar as dimensões abertas pela física contemporânea, essa que, com Einstein, questiona a flecha do tempo em sua ordem linear e que poderíamos associar muito mais a essa ideia freudiana do inconsciente atemporal. Será factível pensar uma *trans-formação* nas configurações que nos enquadram se mudamos os modelos referenciais sobre os que Freud construiu sua primeira tópica? Seguindo Bleger, o que se oculta ou se silencia na transmissão acrítica de uma forma que não se questiona?

Volto à figura do sacerdote que interpretava o movimento das estrelas (con-siderar) no templo que virtualmente localizava no céu. A palavra contrária a *con-siderar* é *de-siderar*, que é a palavra latina que dá origem a *desejar*. Enquanto o sacerdote con-templa os astros, há um momento em que eles desaparecem da cena, saem do templo que se demarcava na abóboda celeste. Isso é: *desideram*, desejam.

É nesse sentido que anuncio, já não sei se estabelecimento con-siderações ou de-siderações.

Referências

- Bleger, J. (2002). Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 24(2). (Trabalho original publicado em 1960).
- Freud, S. (1981a). Consejos al médico en el tratamiento psicoanalítico. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1981b). Iniciación al tratamiento. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1981c). Los instintos y sus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 2). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1915).
- McDougall, J., Mannoni, O., Vasse, D., & Dethiville, L. (1987). *El diván de Procusto*. Buenos Aires: Nueva Visión.